

**BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA VIDA DA CRIANÇA
COM PROBLEMAS NO DESENVOLVIMENTO: RELATO DE PAIS**

CLÁUDIA MARIA SIMÕES MARTINEZ*
ZÉLIA MARIA MENDES BIASOLI ALVES

No contexto familiar o dia a dia das crianças é, na maior parte das vezes, centrado em tarefas que constituem oportunidades de contato com diferentes estímulos (pessoas, objetos, situações) que podem favorecer seu desenvolvimento, e nessa rotina se inserem os brinquedos e as brincadeiras.

Do final do século XIX em diante o brincar passou a ser um tema de estudo, interessando pesquisadores de diferentes áreas que se detiveram na análise dos seus mais variados aspectos.

Silva, Garcia e Ferrari (1989) salientam que "o brincar é fonte de crescimento, saúde e conduz aos relacionamentos grupais... e é portan

*Este estudo faz parte da dissertação de mestrado intitulada "Atividades e Brincadeiras na vida da criança com problemas no desenvolvimento no início dos anos 90: A Visão dos Pais". UFSCar, 1992.

to uma das possibilidades que o indivíduo tem de postular o seu "eu" em relação ao contexto" (p. 13). Na literatura brasileira, os trabalhos de Bomtempo, 1986; Vieira, 1978; Hussein, 1986; Zamberlan, 1986; Oliveira, 1982, 1986; Pereira e Santos, 1986; Simmionatto, 1990 e muitos outros mostram que o brincar na atualidade se constitui em objeto de estudo, compondo um corpo de informações de naturezas distintas, sob diferentes enfoques.

Trata-se pois de um tema que permite, e às vezes até exige, uma abordagem interdisciplinar que possibilite uma análise contextualizada que leve em conta as variáveis sócio-histórico-culturais para interpretá-lo.

Desse conjunto todo de pesquisas têm sido de grande interesse atual os trabalhos que investigam as relações entre brinquedo (brincadeiras) e desenvolvimento na infância, fazendo com que a atenção de educadores e profissionais de saúde se voltem para esta área. Não é pois de estranhar que muitos tenham partido de algumas informações sobre a eficácia do brinquedo em facilitar a aprendizagem, a cooperação, a socialização (como um todo) e passado a utilizar as atividades lúdicas quer para compreender e analisar o desenvolvimento da criança, quer para propor formas de promovê-lo.

Surgem, afirmações taxativas que visam co-

locar para o ambiente o seu papel de provedor maior de condições para que a criança brinque, e o faça bem. Rutter (1975), a partir de uma revisão de estudos na área, afirma que a quantidade e o tipo de brinquedo que os pais oferecem às crianças, bem como o quanto eles brincam com seus filhos, serão fatores determinantes para acelerar a sua evolução intelectual.

Mas, além do brinquedo (mais aproximado à utilização de objetos) e das brincadeiras, outros autores fazem questão de enfatizar a necessidade de outras atividades coordenadas pelos adultos como importantes para o desenvolvimento, associadas ao relacionamento que estabelecem com a criança. Assim é que o próprio Rutter (1975), discutindo a adequação de estimulação ambiental para crianças de diversas idades, diz que a gama de conhecimentos que elas adquirem fica dependente das oportunidades que o ambiente lhes oferece de vivenciar as mais diversas experiências como passeios, viagens, acesso a livros, visitas a museus... e que grande parte de sua eficácia se relaciona à qualidade dos contatos interpessoais.

Atualmente boa parte da sociedade tem um modelo de família nuclear, em que os socializadores detêm, na primeira infância, o controle total sobre a quantidade, a variedade e as contingências da estimulação que é dada à sua prole.

Neste sentido os pais são os elementos po-

tenciais do ambiente - assim como os irmãos - para proverem estimulação às crianças. Há que se considerar que o dia a dia prevê a realização de atividades conjuntas, a troca de experiências, diálogos, brincadeiras, transmissão de valores a respeito de normas sociais e da cultura. Em outros termos, a rotina da casa com suas atividades, compreende a possibilidade de "estimular muito", o que por outro lado dependeria da "disponibilidade" dos pais para contatar seus filhos efetivando uma interação que atenda às necessidades deles, ao mesmo tempo em que propicie situações interessantes e motivadoras.

Mas, é mais do que conhecido o fato de que os pais, como salienta Almeida (1977) "sobrecarregados pelos encargos cotidianos ou pelas preocupações do momento, não têm força ou a coragem para estar sorridentes ou tranquilos, quando vêm os filhos de volta, sem falar daqueles que, enfiados com as suas atividades, não têm tempo para conversar, brincar e divertir-se com os filhos" (p. 18).

O que então se indaga é, quando existe para além das tensões e afazeres da "vida moderna" um fator a mais de preocupação, como o fato de o filho apresentar problemas no desenvolvimento, se o ambiente poderia ainda assim cumprir adequadamente com as tarefas de estimulação que lhe são atribuídas. Como fica a provisão de estímulos,

atividades, tarefas de vida diária e as brincadeiras?

O presente estudo, objetivou trazer algumas informações de como tem ocorrido o processo de estimulação no ambiente familiar das crianças que apresentam problemas no desenvolvimento.

M É T O D O

Sujeitos

Foram sujeitos deste estudo 24 pais (12 famílias) de crianças que apresentam atraso no desenvolvimento e/ou problemas na aprendizagem e que por isso freqüentam atendimentos em fisioterapia/terapia ocupacional/fonoaudiologia na rede pública do município de São Carlos-SP. A maioria dessas famílias pertence ao nível sócio-econômico médio-baixo.

Material

- Fitas Cassete
- Gravador CCE-DR 1000
- Folhas de papel
- Relógio

Procedimento

Após um estudo metodológico acerca do instrumento de coleta de dados, elegeu-se a entrevista semi-estruturada para se obter as informações. O roteiro foi então elaborado e constou de perguntas abertas, inseridas em determinados temas, que permitiram relatos flexíveis dos sujeitos dando liberdade para a descrição de idéias, valores e sentimentos. Efetivados os devidos contatos para a localização dos sujeitos e acertos sobre o dia e horário mais adequados, as entrevistas foram realizadas. Elas ocorreram na casa da criança, de forma individualizada, ou seja, pai e mãe em momentos diferentes, com a duração média de 60 minutos cada.

Análise de dados

Ao se fazer uso da entrevista semi-estruturada, obteve-se como respostas um grande número de discursos que possibilitaram análises de cunho qualitativo e quantitativo e para tanto utilizou-se o sistema proposto por Biasoli-Alves e Dias da Silva (1992).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Brinquedos no Ambiente Familiar

As leituras e releituras das 24 entrevistas vieram pondo em evidência alguns temas que os pais abordam nas suas respostas e que assumem conotações e significados particulares face ao seu lidar com o brinquedo do filho que apresenta atraso no desenvolvimento e/ou problemas de aprendizagem.

1. Dos motivos subjacentes ao dar brinquedos

Sem dúvida que o dar brinquedos à criança constitui uma atitude que ao longo dos tempos tem sido avaliada, do ponto de vista social e até do psicológico, como adequada, sinalizando o brinquedo como propriedade efetiva da criança, como aquilo que de fato pertence a ela e é próprio da infância.

Os resultados desse trabalho revelam que é através da família nuclear e também da extensa, que ocorre, na maioria das vezes, a provisão de brinquedos, caracterizando os presentes, o que assume múltiplos aspectos:

A) Ora são comemorações de aniversário ou natalinas...

M 12 "Ele falou: o pai compra brinquedo prá mim no natal? O pai dele falô: pode deixá que eu te compro no teu aniversário!" (que é antes do natal)

B) Ora o brinquedo como presente porque é natural da criança, o que significa fazer a vontade dela:

P8 "Outro dia ela quis um ursinho... agora quando eu viajo, vejo alguma coisa diferente eu trago né?"

C) Ora, na ação de dar brinquedos existem algumas expectativas relacionando o desempenho da criança com o objeto. Os pais parecem buscar soluções (ou melhora) para o problema do filho respaldados na atitude de orientação dos profissionais que trabalham com a criança:

P5 "É, eu que compro, é porque a moça lá do Posto mesmo que falô que precisa comprá esses brinquedo assim, sabe... prá ele, pro desenvolvimento dele."

D) Ora os brinquedos são adquiridos com propósitos educativos e/ou terapêuticos, de forma mais consistente e detalhada¹.

1. É importante salientar que este tipo de visão relacionada ao brinquedo é predominantemente das mães.

M7 "Um velotrol prá ele exercitá as perninhas né?... formá músculo, porque ele é magrinho né? E como ele começou andar tarde, então foi mais prá fazer exercício, e a minha irmã ela, ela falou: ah, é bom comprar pro R (uma bicicleta)... porque tudo o que a gente vê prá melhorá a coordenação dele né? a gente compra".

M11 "Agora a gente já orienta as pessoas que querem dar presente prá ele: tal tal e tal. A gente pede prá dar, formas geométricas, brinquedos educativos... vai ser instrutivo depois, então às vezes a gente fala, quando alguém pergunta né?"

E) Os resultados mostram ainda que em alguns momentos aparece o brinquedo como compensação, pelo fato de a criança ter problemas:

M9 "... é dia das crianças, é natal... e eu tenho bastante irmã, então todo mundo dá! Aliás eu acho até que eles exageram no brinquedo do M (é sempre um pouquinho mais do que do irmão) ... eu acho, eles dão uma caprichada mais no do M. Mais não é devido ao problema dele sabe? Eu já perguntei prá elas. Elas falaram: não, quando eu vi esse brinquedo tinha a cara do M e comprei prá ele! Mas eu falei: Os brinquedos do M são muito caros".

2. Quem provê os brinquedos?

Pelos dados, a ação de dar brinquedos está relacionada mais freqüentemente com a família nuclear:

P5 "Dá mesmo brinquedo prá ele, é nóis né? Eu dô o dinheiro ela (a esposa) vai lá e compra."

3. O comportamento da criança frente ao brinquedo

Existe uma variação grande nas observações que os pais fazem do comportamento do filho frente ao brinquedo.

A) Eles percebem as suas preferências, e o que o entretêm.

M2 "Ele gosta muito de caixa. Brincar com caixa... se você der um presente prá ele, não importa o que tem dentro: ele dá mais valor prá embalagem..."

B) Da mesma forma eles notam a falta de interesse:

M3 "... ele não é muito chegado em brinquedo!"

C) Existem as situações em que a expectativa é de que a criança vá ficar entretida com o brinquedo dado, o que pode ser fruto das propagandas que anunciam benefícios fantásticos na aquisição de certos brinquedos, em especial dos industrializados e com tecnologia avançada:

M2: "esses caminhãozinho que você faz assim, (fricção) e ele vai sozinho, ele faz um pouco e já não liga muito..."

D) Também os pais percebem as alterações que "a idade traz" descrevendo verdadeiros ritos de passagem:

M11 "Agora ele não está mais naquela fase de brincar com carrinhos, a não ser que se ja um carrinho de pilha, que acende um monte de luzinha, que chama a maior atenção..."

4. O brinquedo estragado

A) O brinquedo, propriedade da criança, é ainda assim muito vigiado pelos adultos que notam a sua deterioração seja pelo excesso ou pelo mau uso:

M6 "Brinquedo, não tem! Acaba com tudo! Se olhar o guarda roupa tá cheio, mas tudo quebrado: não tem conserto mais."

B) E assumem diferentes atitudes frente aos estragos:

P2 "Massinha de modelar eu deixei só uma porque ele mistura tudo a cor sabe? E falei quando acabá essa eu dô outra."

P12 "Ah quebra! Iiii se quebra, eu fico bravo e falo, não compro mais!"

P7 "Tá quebrado a gente recupera. Se falta roda..."

5. O valor do brinquedo para o pai e para a mãe

O conjunto de dados das entrevistas dos pais e das mães pôs em evidência posições bem diversas para o universo masculino e feminino.

A) Os pais se envolveram com o tema "brinquedo", mostraram-se identificados com ele e em suas respostas sugerem até seu prazer:

P4 "Carrinho à pilha, então quando ele fica brincando, aí eu fico entretido né?"

B) Por outro lado as mães vêem o brinquedo como ocasião para treinar e promover o desenvolvimento do filho, o que significa que elas o relacionam diretamente com o problema:

M12 "Eu acho que se ele tivesse mais brinquedo... eu... melhor né? Eu acho assim, que nem esses joguinhos de montã desenvolve muito, né Cláudia?"

Através dessas informações pode-se notar que a presença das deficiências traz algumas marcas, dentro desse processo. Faz com que os motivos de os pais darem brinquedos ao filho sejam conflitantes: de um lado, pelo prazer a toda e qualquer criança, de outro, para compensá-la porque é "doentinha" ou ainda porque ele favorece

o desenvolvimento que é lento, ou está atrasado. São as mães especialmente que demonstraram esta preocupação. Talvez isso ocorra pelo fato delas estarem em contato mais direto com a escola e os tratamentos (portanto sofrendo maiores "pressões" para se adequarem às orientações de que "brinquedo é bom e desenvolve".

Fazendo um parêntese, os relatos mostraram que o conhecimento que as mães têm acerca do brinquedo é superficial e pouco fundamentado.

Mauriras-Bousquet (1991) coloca que a "própria noção de jogos educativos costuma basear-se num equívoco. Certamente que a criança como o adulto, aprende, cria e descobre seu universo mediante essa atividade, livre do espírito que são os jogos: mas isto não significa que se possa instruir pelos jogos quando bem se entenda. Um jogo educativo como qualquer outro não acarreta automaticamente o lúdico" (p. 7).

Fica claro pois, que a instrução e a promoção do desenvolvimento pelo jogo, vão além da provisão de materiais e brinquedos, ela está inserida numa relação da criança com objetos ou com os participantes da situação.

As mães do presente estudo, parecem bem informadas sobre a importância de se dar brinquedos, mesmo sobre o valor da quantidade, mas lhes falta, o conhecimento de todas as implicações de determinados brinquedos, o que se perde com o uso

indiscriminado dos industrializados, a quebra de valores fundamentais ligados à construção artesanal, de preferência pelos pais e pela criança trabalhando por um mesmo produto.

Kishimoto (1990) refere que, atualmente, o jogo que anteriormente tinha a função de desenvolver fantasias com o caráter de gratuidade, é canalizado agora, para uma visão de eficiência, cujo objetivo é "formar o homem de amanhã". Ela afirma que a especialização intensa por que passaram os brinquedos "educativos" (que cada vez mais se retira dos jogos e brincadeiras a sua área natural) é a responsável por se eliminar o prazer, a alegria e a gratuidade indispensáveis à conduta lúdica.

As Brincadeiras no Ambiente Familiar

Os resultados apresentam também um panorama extraído do relato dos pais, acerca das brincadeiras vivenciadas por suas crianças com problemas no desenvolvimento. Estes relatos são ricos em detalhes e permitem melhor compreensão de como as brincadeiras ocorrem.

Interessante notar a capacidade de observação que alguns pais têm acerca de como a criança brinca. No caso de M8, ela enfatiza: o tempo de duração da brincadeira/ o enredo que ela contém/

a independência da filha no brincar/ a organização espacial dos brinquedos/ e o próprio pensamento da criança que permeia a brincadeira:

M8 "Ah, ela brinca muito de boneca, sozinha mesmo: cata a caixa dela, puxa perto, ali ela fica entretida. Ela conversa, ela fala com os brinquedos, ela fica ali, horas e horas... ela brinca, põe a cadeirinha, tudo arrumadinho, aí ela fala que vai fazer papá pro nenê e depois você vai dormir né? Ela pensa que a boneca fala!"

Os resultados mostraram ainda que à medida que a criança se desenvolve, ganha mais autonomia para suas relações: a) diminui o brincar que envolve o contato corporal com os pais; b) o tipo de brinquedo passa a ser mais dirigido a jogos entre dois ou mais participantes; c) iniciam-se as brincadeiras mais competitivas: pipa, bolinha de gude, bets...

As Companhias nas Brincadeiras

O brincar assume, em geral, uma gama de possibilidades quanto à presença e participação de outras pessoas, que vão desde o estar sozinho, até a brincadeira grupal onde vários elementos interagem.

Estuda-se muito, atualmente, paralelo à influência dos adultos e ao valor das práticas de

educação que utilizam, a importância que o grupo de companheiros tem na socialização da criança. Vem do resultado dessas pesquisas o interesse em buscar, nos relatos dos pais de crianças com atraso no desenvolvimento, apreender com quem elas brincam.

Os pais apresentam uma espécie de "queixa" sobre a não participação dos irmãos nas brincadeiras do filho com problema:

P2 "... com a irmã ele brinca pouco... ela mais briga com ele do que... E, não dá pra brincar, ela... ele pega as coisas dela e ela bate nele. Não entra num acordo pra brincar!"

Pelos dados, a companhia nas brincadeiras está ligada na maioria das vezes, aos membros adultos da família (em especial pai/mãe) e há pouca participação de crianças de mesma idade ou de idade próxima, o que fica mais natural à medida que o comprometimento é menor, ou seja ela tem companheiros quando está mais próxima da normalidade.

Quando o brincar com irmãos não é algo tranquilo e natural, existem evidências de que a inadequação de comportamento da criança está na base da ausência de disposição dos companheiros para que ela participe das brincadeiras:

M2 "Ninguém aceita ele muito nas brincadeiras, porque se vão jogar bola... é (a A (irmã) com 8 anos as meninas aí na frente que tem 10 a outra com 7) ... então já não gosta muito do D no meio: atrapalha".

Contudo, há exceções conforme ilustra o relato de M9. Brincar com o irmão segundo sua visão vem favorecer o desenvolvimento do filho com problemas, e, o que é mais interessante, da forma mais espontânea possível:

M9 "agora eu já não brinco mais, já brinquei muito... mas depois que o R. (irmão) cresceu, que aí já é o instinto mesmo, né? Eu nunca pensei de pegar o caminhãozinho e fazer brubrubrum, né? Agora o R, já nasceu sabendo fazer isso, então já ensinou, porque ele procura mais o irmão pra brincar."

A constante na vida dessas crianças, parece ser o contato com pessoas adultas, sejam elas parentes (tios, avós, primos...) ou amigos (em geral dos pais).

Sem dúvida que a idade e as condições da criança, podem estar condicionadas, pois quando ela é mais independente, e capaz de estabelecer contatos por si mesma, os pais confiam:

M6 "Eu vou te falar: minha casa vive assim de colega! A criança adora ele. Adora! Ele tem amizade! Minha casa fica de menino e menina, você precisa ver... é bola, natação, tudo que tem de brincar! ele tem facilidade de tá fazendo amizade!"

Local de Brincar

E onde brincam essas crianças? A resposta a essa questão parece estar muitíssimo ligada aos dados do tópico anterior que mostra o adulto (e em geral da família), como companhia para as brincadeiras, assim ela deverá ocorrer preferencialmente num "espaço" de domínio dele.

Os lugares mais apontados pelos pais estão restritos ao interior da casa e a dependências fora dela, mas mantendo-se o vínculo (quintal, garagem e pomar) com o espaço doméstico.

Sem dúvida que os bebês, mais do que as crianças mais velhas, sofrem dessa restrição ao interior da casa, o que está de acordo com sua dependência e maior necessidade de cuidados por parte dos adultos:

M1 "ele brinca aqui na sala ou senão lá no berço, ele fica de pé no berço... eles brincam lá na cama, ou senão os dois sentados no sofá..."

Ao se adicionar mais um dado, o de que a maioria dessas casas possui de 3 a 4 cômodos, fica fácil deduzir que a limitação de espaço imposta a essas crianças é, de fato, muito grande. A família 5 ilustra bem isto porque a casa consiste de um quarto, uma cozinha e o banheiro que é externo:

M5 "... na banheira brincando, no quintal zinho, dentro de casa..."

A fala dos pais deixa claro, entretanto, que existe um "ganhar espaço" fora da casa para brincar à medida em que a criança se mostra capaz de independência e auto-cuidado, o que nesses casos não é só determinado pelo fator idade:

M7 "Se tá passando uma coisa que ele gosta ele assiste, senão ele quer brincar lá fora (quintal), é no velotrol, quer bolinha..."

E essa independência "ganha a rua" quando a criança está acompanhada de pelo menos um de seus pais.

P12 "... ontem mesmo eu fiquei no terreno e ele ficou o dia inteiro aí brincando na terra, na areia..."

Os pais parecem buscar outras possibilidades, que permitam mais espaço e variedade de experiências para a criança como chácaras, sítio ou fazendas, mesmo que não regularmente:

M7 "Nossa! quando ele vai lá no sítio, nosa!, nem come direito, é uma luta para ele comer. Ele não quer entrar para dentro. Ah, ele corre atrás das galinhas, do cachorro, tem uma bezerrinha que ele quer puxar a orelha..., olha ele faz o que você imaginar lá, viu? O menino! de tudo, de tudo."

Proibição e Restrição nas Brincadeiras

Na educação de qualquer criança, sempre há muitos fatores que interferem na permissão ou na restrição que os pais fazem em relação às brincadeiras. Os motivos que levam às restrições e proibições são de natureza diversa, e com frequência diferentes para o pai e a mãe.

Algumas restrições parecem naturais e ligadas à maneira de ser dos pais, como a proibição de uso de água, areia, barro, pela sujeira que provocam. Outras trazem implícito o objetivo de proteger a criança, aparentemente sem relação com o seu déficit, o que não significa a inexistência de pais que expressem diretamente seus temores:

M2 "... no quintal de terra, mas eu não deixo, lá tem portão e lá tá sempre fechado. Agora quando o pai vai consertar alguma cerca, alguma coisa, então ele aproveita, o pai deixa. Porque eu falo: usa essa bota, né e vem com aquela bota tudo emplastada, então eu falo! ai meu Deus, se ficasse lá direto quando vem limpa e pronto. Mas ele tá lá, vem buscar um pouco d'água... não pára nem lá e nem aqui."

Entretanto há proibições/restrições do comportamento de brincar da criança que estão diretamente relacionadas ao seu déficit no desenvolvimento (principalmente pela imaturidade ou difi-

culdade de compreensão e percepção do perigo de certos objetos ou situações):

M2 "Então, aí subir eu já não deixo, eu tenho medo, ele sobe numa pia, que eu tenho perto do tanque, eu tenho medo que caia, não sobe! ... Às vezes o A (marido) põe ele no caminhão desse lado e quer que eu pegue do outro né: Fica segurando aí que eu vou do outro lado e pego você"... mas eu fico morrendo de medo! Eu falo: o menino já é mole e ainda você coloca ele aí ... ele fala: ele precisa aprender ele fala - Segura firme D! E eu tenho medo. D não sobe aí porque cai... não corre porque vai cair, sabe? Eu regulo muito ele assim!"

Poucos são os momentos em que a vontade de que a criança se desenvolva, consegue sobrepujar o medo:

M2 "O A. (marido) solta mais. Mesmo na rua ele fala: D, senta aqui, para o carro perto de você, passa perto de você, é para ficar sentado aqui. Eu, já tenho medo, eu não quero que senta aqui, eu quero que fica longe do portão."

Há entretanto um aspecto "curioso" em algumas restrições que os pais fazem, porque aparentemente elas não estão voltadas para a criança, mas as atitudes que manifestam visaram "proteger o meio" das condutas e comportamentos inadequados do filho, poupando-o de situações constrangedoras.

M9 "Então eu acho que a pessoa não tem obrigação, eu acho que a pessoa não tem obrigação... de ficar atento sobre isso, então eu prefiro que a criança venha brincar aqui do que ele vai brincar lá. Ah, raramente, acho que dá prá contar no dedo as vezes que ele foi na casa de uma pessoa que não seja vó, as avós..."

A companhia nas brincadeiras foi um tópico que também evidenciou as "marcas" da deficiência. As crianças dessa amostra, de um modo geral, têm uma limitação grande nos seus contatos interpessoais (principalmente com outras crianças) e ficam restritas muitas vezes à companhia dos pais.

Ao interligar as informações dos relatos aparecem possíveis motivos para essa contenção da criança; poderia ser o medo que os pais têm de que ela não saiba se defender em situações de perigo; ou o seu receio de que, em ambientes que não o familiar, ela não seja aceita e outras crianças ou adultos possam discriminá-la; mas também pode estar subjacente a preocupação com "os incômodos" que o filho, que não conhece bem limites ou que não possui muitas habilidades daria para pessoas que não teriam porque atendê-lo.

Limitações da Criança Interferindo nas Brincadeiras

O discurso dos pais, traz em alguns momentos, certo tom de frustração pelo que a criança

não realiza e que ora é expressamente verbalizado, ora fica mais subentendido.

Os discursos extremamente diversificados ilustram o que incomoda aos pais:

P9 "Esse aqui (irmão) é criativo, ele já ... eu não vejo essa criatividade no M."

M7 "Tem porco né? então ele quer ir na granja de porco, lá a gente tem medo, porque são muito grandes os porcos e ele não tem medo de nada! Ele é uma criança que não mede limites né? e é por isso que a gente não deixa ir lá."

Quando se volta à introdução desse artigo e às colocações de Rutter (1975), sem dúvida que se é levado a admitir que talvez haja para essas crianças uma limitação excessiva que se torna prejudicial. Mas seria simplista começar a dizer o que é certo, o que é errado para essas situações. Há muitas variáveis em jogo; não há como negar muitas vezes que a criança com atraso no desenvolvimento tem também inadequações de comportamento que não são socialmente aceitas, bem como maior dificuldade para se autocuidar.

E os pais, dentro de suas possibilidades, vão fazendo escolhas e dirigindo a educação de seus filhos, ora poupando sua família, ora a criança, ora o ambiente externo.

Rose (1991) ao fazer uma análise do papel do adulto em relação à criança refere que eles devem "ajudá-la a enfrentar a realidade e não desviar-se dela. Os pais mesmo com boas intenções, ao colocarem uma tela entre a criança e o real, impedem seu filho de viver uma experiência e o privam pouco a pouco de sua capacidade de estabelecer marcos estruturantes" (p. 33).

Mas a tarefa é difícil para os pais; há que equilibrar e ajustar "liberdades e restrições" à sua criança, a vontade de que ela seja como as outras e sua percepção do que ela não consegue ou não pode realizar.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, P.N. **A explosão Recreativa dos Jogos.** São Paulo, Estrutura, 1977. 143p.
- BIASOLI-ALVES, Z.M.M., DIAS DA SILVA, M. H. G. F. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta.** Revista Paidéia - Cadernos de Educação, nº 2. FFCLRP-USP, 1992, 13p.
- BOMTEMPO, E., HUSSEIN, C.L., ZAMBERLAN, M. A. T. **Psicologia do Brinquedo: Aspectos teóricos e metodológicos.** São Paulo: EDUSP, 1986. 203p.

KISHIMOTO, T.M. **O brinquedo na Educação - considerações históricas.** In: IDÉIAS / Fundação para o Desenvolvimento da Educação, nº 7, o cotidiano da pré-escola. São Paulo: FDE, 1990.

MAURIRAS-BOUSQUET, M. **Um oásis de felicidade.** Rio de Janeiro, Correio da UNESCO, nº 7, 1991, p. 5-10.

OLIVEIRA, P.S. **Brinquedos artesanais e expressão cultural.** São Paulo: SESC-CELAZER, 1982.

OLIVEIRA, P.S. **Brinquedo e indústria cultural.** Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

PEREIRA, M.C.S., SANTOS, R.A.C. **Buscando a relação brincar-aprender** In: Resumos da 36ª Reunião Anual da SBPC.

ROSE, A. **O pequeno Deus: Deve se dar em excesso amor às crianças?** Correio da UNESCO, Ano 19, nº 12, 1991.

RUTTER, M. **The birth of human development psychology.** In: LEWIN, R. Child alive. London: Temple Smith, 1975.

SILVA, M.A.S.; GARCIA, M.A.L.; FERRARI, S. C. M.

Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. São Paulo: Cortez, 1989. 129 p.

SIMIONATO, S. A criança na família: brinquedos, brincadeiras e atividades em gerações diferentes. Relatório de atividades, 1990.

VIEIRA, T. Para o conhecimento do jogo imaginativo: Um estudo sobre formas de uso de objetos. São Paulo: USP, 1978. 198 p. Dissertação de Mestrado.